

CASA DE
CAMILO



Noites de Insónia

16 junho 2021

Formador: Sérgio Guimarães de Sousa

XI

AMOR PATERNAL

Estávamos jantando e admirando a rizeja e elastério da fibra das galinhas de Penafiel, quando entrou à sala um sujeito, que abraçou António Joaquim arrebatadamente. O meu amigo apresentou-me ao sr. Miguel de Barros, pessoa de trinta e poucos anos mais, galhardo tipo de fidalgo provinciano. Conversámos a respeito de crianças, porque Miguel de Barros não falava senão em meninos, com a efusão de um filantropo inaugurador de creches, ou com a ternura de um pai inclinado aos cinquenta anos. De feito, o nosso comensal era pai, e dava ares de estremecer como estremecem as mães seus filhos. Findo o jantar, separámo-nos. Miguel ia para Resende, sua terra, e nós embarcámos na liteira, cuja comodidade já me ia parecendo uma coisa problemática, depois de quinze horas de trajecto na superfície escabrosa do globo.

— Este Miguel de Barros, — disse eu a António Joaquim — se não tivesse meninos, havia de

conversar agradavelmente na cultura da abóbora e do feijão frade...

— Cala-te aí, selvagem! — atalhou o meu amigo. — Se tu soubesses que as criancinhas foram os arcanjos redentores da alma e coração derrancados deste homem!...

— Então é coisa de história o amor do teu amigo aos meninos?

— É, e verás. Miguel de Barros foi o homem que eu conheci mais precoce em desmoralizar-se. Aos vinte anos, dispunha de sua plena liberdade, de seus instintos maus, e de muito dinheiro, que ele escondera da vigilância do tutor, quando lhe morreu a mãe. Foi para Lisboa lapidar o brilhante bruto da sua bruta educação, e veio de lá aos vinte e quatro anos, assim que o dinheiro se lhe acabou, e o conselho de família lhe restringiu as pensões.

Sem Deus, sem lei, sem mínima ideia de deveres, agora entrego à tua imaginação, e conjectura tu o que faria um rapaz de insinuante aspecto, lustrado com o polimento dos salões da capital, bem falante, afeminado quanto convinha nas frivolidades gratas às damas de todo o mundo, e nomeadamente às damas da terra dele. Lido em histórias de amores aventureiros, tomou para modelo de sua alegre juventude os personagens mais simpáticos, e quis, à força de poesia, intercalada de prosa, inflorar as suas patricias, fazendo-as também personagens, chamando Elviras umas, Ofélias outras, outras Desdémonas, Virgíneas

algumas, e pelos modos achou de tudo, ou tudo compôs com a sua prosa e poesia.

Este labor de composição difícil nas condições em que se acha o progresso moroso das nossas províncias, custou-lhe alguns dissabores na sua terra. Cá por fora, nestes sertões, há pais de famílias que não deram fé ainda do clarão que se fez no mundo, e duvidam obterem aos evangelizadores da ideia nova. Há aí retrógrado que te quebrará a cabeça, se tu fizeres saber à família dele que o mundo agora marcha mais depressa que no século passado. Não sei quantos retrógrados desta ralé topou Miguel de Barros. O que está além da menor dúvida é que o rapaz, vezado em todas as artes e manhas da boa sociedade, sofreu o comum fadário de todos os adiantados da civilização: foi mártir: partiram-lhe a cabeça mais de uma vez, e obrigaram-no a mudar de terra.

Tem Miguel de Barros uma quinta em Santo Tirso. Aí nos conhecemos há dez anos.

O moço, a despeito das cicatrizes da cabeça, não pôde arrancar do seio a víbora da poesia que o andava ferretando na entranha mais nobre, sem ofensa da outra, à qual presta homenagem o coração, desde que alvorece a aurora do juízo. Não mudou de vida: achou-se em novo terreno, e quis experimentar a cultura das suas flores da alma. Abriu os diques à enchente extravasante da sua poesia, levou alguns corações na torrente, e ele propriamente se ia afogando nela. Não sei se Miguel ganhou medo da estátua de algum

comendador, arremedo do pai da Inês de D. João. Desconfio que não foi bem uma estátua: algumas razões tenho para conjecturar que um lavrador o ameaçou de lhe abrir a sepultura no quinteiro, onde o surpreendera, uma tarde, recebendo um raminho de manjerição e alfádega da mão nada mimosa de uma rapariguinha mais que muito inocente e cativa dos requebros do fidalgo. Se assim foi, está explicada a mudança de Miguel de Barros para Braga.

Esqueci-me de instaurar em Braga a alçada das minhas averiguações: todas as hipóteses, porém, me induzem a crer que Miguel de Barros não fez por lá coisas que desmentissem os seus precedentes. Braga é um clima doce, uma natureza opulenta, um retalho de paraíso, um ninho de verdura para se amarem as aves, que têm ali uma primavera eterna.

Não obstante, como em toda a parte há mi-lhafres, que não deixam amarem-se sossegadamente as arvólas e os cochichos, Miguel de Barros desferiu as asas para outras regiões.

Foi dar ao Porto com o seu coração alanceado das injustiças da humanidade, e especialmente das injustiças dos pais de famílias. No Porto não se deu bem. Achou que a terra, sobre não ter poesia, tinha uns nevoeiros nocivos à saúde do seu aparelho respiratório. Quer fosse isto, quer fosse não o compreenderem as estrelas que ele apostrofava em linguagem simbólica, o certo é que, ao cabo de vagamundear dois anos entre o

Marco de Canaveses, e Santo Tirso, e Braga, deliberou voltar ao ponto de partida, e tomar conta de sua casa, e do juízo necessário para viver com a cabeça inteira.

O juízo, objecto em que toda a gente fala como coisa de fácil conseguimento, não vem assim depressa, e a propósito das nossas resoluções. Eu tenho pena de todos os doidos, daqueles doidos até que o não são por voto das ciências médicas. Ainda não conheci um extravagante que voluntariamente o seja, e conheço dezenas de doidos que se lastimam sinceramente de não poderem caminhar na estrada lisa, onde me encontram.

Miguel de Barros saíra mal sorteado do universal repositório do juízo, se é que há um lugar onde a humanidade recebe a fásca intellectiva, vulgar e indevidamente chamada *sensu comum*, a coisa menos comum deste mundo. Estava ele em sua casa fazendo e refazendo títulos de arrendamentos das quintas, gizando obras, planeando reconstruções, e cogitando até nas vantagens do casamento como base inconcussa de um sólido juízo. Nestes pensamentos honestíssimos, surpreendeu-o a aparição de uma moça campesina, graciosa como as andorinhas, e inocente como as flores, com que ela se toucava, às escondidas da gente, sumida nas ramagens das selvas.

Entro agora na segunda parte da história de Miguel de Barros.

A moça que o surpreendera tinha tão lindos olhos, que nem os abismos ousavam mostrar-se-lhes em sua fealdade.

Amou-o ela, como a flor ama o raio do sol que há-de abrasá-la, e fenecê-la.

Disseram-lhe que fugisse ao condão fatídico daquele homem, que havia de ir à presença do Senhor na torrente de lágrimas que ele fizera chorar. A moça ouvia triste o que lhe diziam, e parecia responder com o silêncio: «Eu não quero que as minhas lágrimas entrem na torrente que háo-de levá-lo à presença do Senhor.»

Angélica — é assim que ela se chama — estava um dia com uma criancinha nos braços. Esta criancinha nascera duas horas antes. Era dela. As lágrimas da mãe cobriam-lhe a face.

— Não posso deixá-la ir, meu Deus! — exclamava ela. — Antes a vergonha! antes tudo, que deixá-la ir!... Se ele visse este menino tão lindo!... Se alguém lho mostrasse, ele não o deixava ir para a roda!

À beira de Angélica estavam duas mulheres: uma, com a face escondida no regaço, soluçava: era a avó do menino, que ela tivera nos braços, e não queria mais ver. A outra era uma vizinha piedosa, que havia de levar o recém-nascido à roda.

Foi esta quem respondeu às exclamações de Angélica:

— Se tu queres, rapariga, o menino levo-lho eu ao fidalgo.

— Leve! — clamou a mãe, entregando-lho, depois que lhe enxugou o rosto.

Ao nascer do sol, Miguel de Barros abria o gradeamento da matilha dos cães para ir à caça com outros mancebos das circunvizinhanças.

Os cães latiam ruidosamente no soto contíguo à casa, e arremetiam contra uma mulher, que gritava.

Miguel assobiou à canzoada, e perguntou à mulher o que fazia ali.

— Esperava v. ex.^a — disse ela.

— Que quer você? — perguntou Miguel.

— Uma palavra em particular.

— Que traz aí?

Esta pergunta era já um toque do anjinho, que lhe falava de entre as mantilhas de alvíssimo linho em que a mãe o envolvera.

— É o seu menino.

— O quê?!

— Esta florinha do céu! Ora veja, fidalgo, veja como é lindo!

Miguel fitou os olhos na criança adormecida e tocou-lhe com o dedo indicador na face esquerda.

Neste relanço, chegaram os companheiros com as suas matilhas, conclamando:

— Vamos, que os cães estriçam-se uns aos outros.

Miguel não desfitava os olhos do menino.

— Para onde vai de aqui? — perguntou ele à mulher.

— Vou levá-lo à roda! esta criaturinha tão

bonita... Ora veja v. ex.^a quem terá coração de a não querer? Se eu não fosse tão pobre, ficava com ele... E, ainda assim pobre, se Deus me ajudasse, eu, ainda que pedisse esmola, bem o queria para mim... Pois há quem possa enjeitar um menino assim!... A mãe lá ficou a chorar, que é uma dor de alma ouvi-la!...

— Leve o filho à mãe — disse Miguel de Barros, e acrescentou: — Lá vou já.

E, voltando-se aos amigos, que o esperavam, disse:

— Vão indo, e não esperem por mim.

Depois... que quadros belos ressaltam às vezes do seio mesmo do infortúnio!

Quanto daria eu para ver Miguel de Barros, vinte e quatro horas depois, ao lado de uma cadeira estofada, em que Angélica era transportada da sua pobre casa para a melhor alcova da casa do fidalgo! E vê-lo a ele chorar porque a criancinha, ao quarto dia de vida, amanheceu pálida mortalmente, porque sua mãe não pudera alimentá-lo durante a noite!... O ansioso estremecimento com que ele próprio se foi em demanda de uma ama, que lhe aleitasse o filho!... Vê-lo passear de noite nos salões para adormentá-lo nos braços!... O tremor melindroso com que o pai o aconchegava, receando que o menino lhe escorregasse por entre as mãos!...

Queres agora saber o último lance deste magnífico espectáculo?

É Miguel de Barros, seis meses depois, casar

com a formosa mãe de seu filho, e prezá-la, pelo tempo adiante, com um tamanho coração, que, a meu ver, são as mãos do anjinho que lho estão enchendo sempre de ternura.

Isto foi há oito anos.

Miguel de Barros tem hoje seis filhos. É um pai que me faz inveja a mim, sendo eu tão amante das minhas criancinhas. Como queres tu que ele fale noutra assunto? Os meninos são os anjos do seu resgate, e não lhe dão tempo a sentir o travor do tédio da vida.

In Vinte horas de liteira, de Camilo Castelo Branco